

Soliloquio

Pesada vae a noite de meus dias !
E com tudo vinte annos tão sómente
me separam do berço ! Apenas vinte !
Vinte anneis da cadeia tenebrosa,
cujos fataes extremos vão perder-se
na vacua eternidade ! — cujos élos,
um sobre outro cahindo, minha fronte
contundem sem cessar ! — Batem, retinem
as horas que se arrastam frias, lentas,
como eternos galés que vão de rojo
ao tempo acorrentados ! Ruge, vibra
cada oscillar da pendula incansavel
no quadrante medonho. Cada instante
echoa no meu ser como um gemido
de moribundo, — e a existencia minha
precipita-se á campa, como um rio
que se engolpha no mar. Cada momento
me rouba uma illusão. Que voz sentida
dos ventos no passar murmura agora ?
E' um queixume de flores desfolhadas,
ou é o carpir das brisas que rasgaram
dos rochedos na ponta as azas doidas ?
Silencio ! E' o soluçar do ultimo sonho,
o agonisar extremo da esperança,
que se afunda na duvida. As idéas
esfriam-me no cerebro confuso,
como larvas n'um tumulo, — vacillam
como clarões da lampada sagrada
de um templo sobre as pallidas ruinas.
E em breve o pensamento que animava
meu genio — extinto me será na fronte.
— Assim a estrella solitaria e incerta
do firmamento na amplidão fenece.

Das orvalhadas das auroras minhas
nem uma gotta refreshou meus labios !
nem respirei de meu caminho as flores !
Invencivel, fatal, tristeza immensa
sentou-se á sombra de meus verdes annos,
bebeu todas as taças amargosas
dos males que soffri, — e exhausta, e ebria,
enlouqueceu-me para sempre n'alma.
A dôr desceu-me ao coração tão fundo
como a chuva nos valles. Uma lagryma
dalli subiu, — nas palpebras immovel
pendurou-se-me, — e eterna alli rutila.

E' uma estrella de sangue, — é o transumpto
de um martyrio sem nome, — o espelho mudo
de um padecer sem voz, onde gelou-se
de um triste pensamento a imagem fixa.
E' uma gotta de veneno ardente
que as retinas me abraza, e que não pôde
pela face escorrer, lenir negroles,
que por dentro me vão. Tudo se apaga !
O murmúrio da brisa pelas folhas,
o queixume da vaga sobre a area,
suspiram, morrem ; na amplidão celeste
vacilla e treme o lume das estrelas
e a extrema vez lampeja, immerso em trevas.
As cores mais brilhantes se distinguem.
De pallido clarão cobrindo os mares
no occidente o luar tomba e se abysma.
E uma outra brisa chorará nas ramas,
e uma outra vaga gemerá na area,
cores mais vivas luzirão de novo,
e outro luar arroiará nos ares
seu pranto luminoso. — E só no entanto
esta dôr, esta lagryma sem fórmula
me rolará na palpebra sombria,
como um astro sem vida. Si comtudo
eu pudesse arrojal-a de meus olhos !
Talvez, — quem sabe ? — as outras suspendidas
pela de maldição, soltas de novo,
derramariam ondas de consolo
na desesperação que me rodeia !

Nos seios de alvos lyrios a alvorada
goteja almo frescor ; o mar scintilla
á orvalhada de luz que os astros lúros
dardejam-lhe do ceu ; mas que urna pôde
conter, — tão grande, tão sublime e sancto
pranto que ao desespero o amor arranca ?
Ah ! brilha, brilha, lagryma insensata,
que ninguem entendeu ! Tu és a lampada
funerea de meu genio agonisante !
tu és o espelho das tristezas todas
que meus olhos hão visto ! Assim no valle,
de estereis montes sussurrando aos lados,
vão de um ribeiro as aguas fugitivas
pintando ao fundo do empedrado leito
as imagens da margem entristecida.

Rio, 1876

THEOPHILo DIAS